

Balança tem saldo recorde de US\$ 8,9 bi

CAROL CARQUEJEIRO/ALTO

Estevão Taiar e Marta Watanabe
De Brasília e São Paulo

A balança comercial registrou superávit de US\$ 8,9 bilhões em setembro, recorde para o mês na série histórica da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic), resultado de US\$ 28,4 bilhões em exportações e US\$ 19,5 bilhões, em importações. A magnitude do saldo reforça a perspectiva de superávit comercial recorde para o ano, dizem especialistas, ainda que muito influenciado por queda nas importações, principalmente de bens intermediários.

No acumulado do ano, o superávit alcançou US\$ 71,31 bilhões, bem superior aos US\$ 47,4 bilhões de iguais meses de 2022 e acima dos US\$ 61,5 bilhões de todo o ano passado. As exportações somaram US\$ 253 bilhões, com alta de 0,4%. Já as importações alcançaram US\$ 181,7 bilhões, com queda de 11,3%.

Mirella Hirakawa, economista da AZ Quest, destaca o papel importante do agro em nos embarques. Ela lembra que dos 95 milhões a 100 milhões de toneladas que ainda se espera em embarques da soja, foram exportados este ano, até setembro, 87,3 milhões. O saldo de setembro, portanto, não veio de antecipação. "Ainda existe espaço para exportação de soja, milho e carnes", diz Hirakawa. Com o dado de setembro, diz, a projeção de superávit comercial em 2023 da gestora foi revisada de US\$ 75 bilhões para algo em torno de US\$ 80 bilhões a US\$ 85 bilhões. A Secex subiu sua projeção de superávit este ano de US\$ 84,7 bilhões para US\$ 93 bilhões.

O diretor de Planejamento e Inteligência Comercial da Secex, Herlon Brandão, disse que as exportações tiveram como destaque em setembro os volumes embar-

cados da agropecuária e da indústria extrativa. No primeiro caso, o movimento foi influenciado positivamente pelas vendas de soja, milho e café. No segundo caso, um dos destaques foi o minério de ferro, em função de desaceleração na queda de preços.

Rodolfo Margato, economista da XP, resalta que em setembro a exportação de bens primários foi marcada por aumento de quantum compensando recuo nos preços de exportação. Dados da Secex de setembro mostram que a receita com exportação da agropecuária subiu 22,2% contra igual mês do ano passado, com alta de 41,7% na quantidade embarcada e recuo de 17,2% nos preços.

Gabriela Faria, da **Tendências**, diz que, para os volumes exportados, a expectativa é que as vendas de itens agrícolas continuem aquecidas, considerando problemas climáticos na produção de grãos nos EUA e na Argentina.

Do lado das importações, Margato observa queda significativa em preços e quantidades, principalmente de bens intermediários, que respondeu por 61,4% do valor desembarcado em setembro. Dados da Secex mostram que os bens intermediários foram a única grande categoria com queda de quantidade importada de janeiro a setembro contra iguais meses de 2022, com recuo de 5,8%. Na mesma comparação os preços caíram 10,5% e o valor desembolsado com a importação recuou 15,1%. O comportamento da categoria puxou a queda de 11,3% no valor da importação total, com queda de 2,5% e de 9% em volume e preços médios, respectivamente.

Para Margato, o desempenho do quantum importado de bens intermediários, que incluem insumos e matérias-primas, está relacionado à virtual estagnação rela-



"Ainda existe espaço para exportação de soja, milho e carnes"
Mirella Hirakawa

cionada à indústria de transformação, que vem "andando de lado, com ligeira queda". A importação, diz, sinaliza para estagnação da indústria persistindo por mais alguns meses, mesmo que haja alguma recuperação marginal de produção física em agosto. "Esperamos melhora gradual ao longo de 2024 com condições monetárias e de crédito mais favoráveis."

Já o comportamento dos preços

de importação, diz, está relacionado à deflação global de custos, considerando que em 2022 houve pressão de preços de matérias-primas e de importações como um todo. A magnitude dessa variação acontece pelo processo de correção de preços, mas não deve extrapolar o ano nesse nível, diz.

José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), diz que o superávit comercial é positivo para o setor externo brasileiro, mas este ano se dará à custa da redução das importações, o que também deverá ser a principal influência para a queda na corrente de comércio, indicador importante do dinamismo da economia. A Secex projeta US\$ 575,3 bilhões em corrente de comércio em 2023, valor 5,2% menor que o de 2022.